

O ideal de fraternidade, cerne do Evangelho Cátaro

CONTRIBUIÇÃO AO SIMPÓSIO DE SAINT-FÉLIX, POR EDUARD BERGA

O Concílio de Saint-Félix-de-Caraman (ou de Lauragais, na França), realizado há 850 anos, marca um momento de transição na história dos cátaros. Ele se posiciona em favor de uma nova Europa, baseada na união das sete igrejas da Ásia. Como diz a mensagem original de Nicetas: Elas (as sete igrejas) convencionaram que "ninguém faça a outro algo que não quer para si mesmo".¹

Após esse concílio, foram feitos muitos estudos. Há um documento que comprova sua existência, mas alguns historiadores acreditam que ele foi falsificado no século 13 por escritores que pretendiam comprovar a influência estranha de tão abominável heresia no Ocidente, ou por Guillaume Besse, que fez uma "cópia".²

Não pretendo, no entanto, entrar nessa discussão. Prefiro refletir sobre uma parte desse documento que lança uma luz sobre a sociedade daquela época e isso já com as primeiras palavras: "No ano do Senhor de 1167, no mês de maio, a Igreja de Toulouse trouxe Pai Nicetas ao Castelo de Saint Félix, onde se juntou um grande grupo de homens e mulheres da Igreja de Toulouse e de outras igrejas vizinhas para receber o *consolamentum*."

Esse "grande grupo de homens e mulheres reunidos" lembra-nos a expressão festiva de uma religião popular, não o luxo e a ostentação do concílio da igreja romana. Além disso, esse grupo consiste em homens e mulheres tanto de Toulouse como da região vizinha. Isso alude à *paratge* occitana (= nobreza de coração), à verdadeira igualdade entre todas as pessoas e todas as camadas da população. Reconhece-se nessa concepção uma das colunas do pensamento social europeu: é a imagem do "cidadão medieval da Gália de Narbonne" em oposição ao "vassalo" ou "súdito", oposição esta que assinalava a monarquia absolutista. O documento ainda acrescenta: "juntou-se para receber o *consolamentum*".³

Para compreender o fundamento do catarismo e seu ideal evangélico, eu gostaria de me aprofundar no conceito *consolamentum*.

Lo consolament (em occitano)

Um sinal que distinguia o catarismo era a rejeição aos sacramentos da igreja gregoriana, que haviam sido introduzidos pouco a pouco para formalizar a vida humana numa estrutura controlada pela hierarquia eclesiástica.

Desde o batismo – logo após o nascimento – até a extrema unção antes da morte, a igreja romana controlava todas as pessoas mediante o

dogmatismo sacramental. Este sacramento significava a sujeição humana ao dogma estabelecido pela hierarquia eclesiástica. A recusa em reconhecer os sacramentos católicos tinha como consequência a proscricção da igreja levada a efeito pelos senhores feudais e reis. Essa proscricção tornava a pessoa atingida um "apóstata", o que a excluía inteiramente da sociedade a que pertencia. Para os cátaros, o sacramento era algo muito diferente: era ligado ao cristianismo primordial. Eles apenas conheciam um sacramento, que foi transmitido por Jesus Cristo aos apóstolos: o batismo pelo fogo ou o recebimento do Espírito Santo mediante imposição de mãos. Eles o denominavam *consolamentum* ou *consolament*.

Este fato pode ser consultado no ritual occitano de Lyon: "Este batismo sagrado concedido por meio do Espírito Santo foi preservado até hoje pelos apóstolos da Igreja de Deus; ele foi transmitido por *bonshommes* a *bonshommes* até hoje, e será realizado até o fim do mundo".⁵

O catarismo estimulou, sobretudo, um grande impulso para que o cristianismo primordial sobrevivesse, sempre conservando o sentido de "comunidade", de "fraternidade". Essa fraternidade humana nasceu no dia de Pentecostes, quando os apóstolos receberam o Espírito Santo como uma força espiritual sagrada. Os cónegos de Orléans referiram-se a essa força espiritual quando reconheceram o Bispo de Beauvais, no ano de 1022: "Temos a lei inscrita nos homens pelo Espírito Santo e sabemos apenas o que aprendemos de Deus, o Criador de todas as coisas."⁶

Esse texto diz respeito ao mesmo homem interior que o inquisidor Bernard Gui difamou, séculos mais tarde, ao afirmar que os cátaros eram de opinião de que existiam diversos corpos espirituais e um único homem interior especial.⁷

Com a recepção do Espírito Santo, todos os ensinamentos do Cristianismo são transformados em uma força viva, que cada um experimenta pessoalmente. Porém, ao mesmo tempo, essa força pode ser compartilhada com todos e com cada membro da comunidade cristã, como expressa o *Manuscrito de Lyon*: "Pois quando dois ou três estiverem reunidos em meu nome, estarei entre eles."⁸

O cristianismo estabeleceu, assim, a base para uma sociedade fraternal e o fez apresentando a si mesmo como modelo de unidade universal, para a qual todas as pessoas são chamadas.

Assim, foi instituída a Igreja de Deus na *gleisa* (ou *eclesia*, a "igreja de Deus" occitana), não como uma estrutura hierárquica com uma tese dogmática rigorosa, mas como uma *congregação de fiéis e santos*...⁹, como relata o *Manuscrito Cátaro de Dublin*.

Os cátaros estavam conscientes da unidade fundamental que liga todas as pessoas. Eles desenvolveram sua doutrina já com base nessa ideia. Na obra

O caminho que pode levar à fraternidade humana universal eles condensam esse conceito.

O núcleo dessa tese encontra-se no *Ritual Cátaro do Consolament* escrito em occitano, o idioma da região dos cátaros naquela época. Esse ritual foi preservado e se encontra em Lyon. Ele descreve o processo de iniciação que todo homem deve seguir caso deseje atingir o estágio de perfeição do verdadeiro Cristo. Ele consiste em três fases.

Na primeira fase, o candidato toma consciência de que nele existem duas naturezas: a personalidade natural e o ser espiritual. No início, o ritual diz: "Apresentamo-nos a Deus, a vós e às Ordens da Santa Igreja para culto e penitência e para obter o perdão dos pecados que cometemos ao falar ou pensar ou agir desde o nascimento até os dias de hoje. Rogamos a Deus por sua misericórdia e a vós para que oreis ao Santo Pai por misericórdia e ele nos perdoe."¹¹

Esta fase do auxílio (= *servisi*, em occitano), é considerada uma fase de purificação e perdão para erros passados. Entretanto, em um significado muito mais profundo, ela pode ser compreendida como um estágio do reconhecimento da essência espiritual que está oculta no coração humano, como diz o ritual occitano: "Senhor, julgai e condenai os vícios da carne nascida na corrupção, mas tende compaixão para com o espírito que está aprisionado."¹²

É o reconhecimento da existência das duas naturezas, como consta no Tratado Cátaro anônimo preservado no *Liber contra manicheos* de Durand d'Osca, que diz: "Afirmamos que existe um mundo diferente, com outras criaturas incorruptíveis e eternas, onde está toda a nossa alegria e esperança."¹³

Aquele que chega a esse estágio sente profunda nostalgia, porque deseja voltar à morada do Santo Pai, onde reside seu bom espírito. E, por isso, firmemente decidido, ele se põe a caminho da Verdade e da Justiça.

A segunda fase é marcada pelo diálogo entre a personalidade mortal e o espírito. Agora, o candidato se harmoniza com a Igreja de Deus, de uma fraternidade cristã. O *bonhomme* mais velho diz ao candidato: "Deves entender que, quando estás diante da Igreja de Deus, estás diante do Pai, do Filho e do Espírito Santo, pois a igreja significa reunião, e lá onde estão os verdadeiros cristãos, lá estão o Pai, o Filho e o Espírito Santo."¹⁵

É a fase da restauração do "livro cristão" (Novo Testamento) e da sagrada oração, o "Pai Nosso", na qual está o núcleo do arrependimento e do perdão. Mas não devemos entender esse arrependimento e esse perdão em sentido místico ou religioso. O arrependimento surge de repente, quando o candidato desmascara e sente a treva de sua ignorância, sente que tem

sido orientado pela bússola de seu próprio espírito interior. O perdão surge daí como consequência lógica da cooperação ativa desse espírito.

"Pois estás aqui diante dos discípulos de Jesus Cristo em um lugar espiritual onde moram o Pai, o Filho e o Espírito Santo, para receber esta sagrada oração que o Senhor Jesus Cristo deu a seus discípulos... Compreende que, se desejas receber esta sagrada oração, deves arrepender-te de todos os teus pecados e perdoar todas as pessoas."¹⁷

O que faz as pessoas se tornarem irmãs é a compreensão da unidade fundamental – não em teoria, mas como algo que se manifesta de maneira muito natural e concreta. Assim diz a Glosa (nota explicativa) sobre o Pai Nosso no *Manuscrito de Dublin*: "Este povo, no qual cada um ama o outro e perdoa as dívidas a cada devedor, roga a seu Pai de acordo com o que diz Lucas: 'Perdoa-nos nossas dívidas assim como nós perdoamos a nossos devedores'."¹⁸

A mais significativa expressão do diálogo entre os cristãos e seu espírito celeste é a oração. Ela lhes foi dada como símbolo e como aliança para a união com o espírito de Deus. Como expressa o *Ritual de Lyon*: "Damo-vos esta sagrada oração, que recebeis de Deus, de nós e da Igreja, para que possais recitá-la por toda a vida."²⁰

A terceira e última fase descrita no *consolamentum* refere-se ao verdadeiro batismo, pelo fogo, que é o recebimento do Espírito Santo por meio da imposição de mãos.

Na primeira fase, o candidato tomou consciência de seu espírito fundamental. E, na segunda fase, ele construiu um diálogo intensivo com seu próprio ser espiritual. Agora, ele está preparado para as núpcias místicas, ou o "casamento espiritual", como era entendido no catarismo.

Pèire de Talayrac, aluno de Pèire Authiè, afirma: "Realiza-se um enlace entre a alma e o espírito quando ambos se harmonizam bem, a alma não se opõe ao espírito e este não se opõe à alma, mas ambos se harmonizam bem com verdade e retidão."²¹

Essa aliança produz uma nova força espiritual no ser, porém, para preservá-la, o novo cristão deve seguir os mandamentos de Cristo e do Novo Testamento. No *consolamentum* é dito: "Se desejas receber este poder e esta força, é preciso que sigas os mandamentos de Cristo e do Novo Testamento conforme tuas capacidades. E saiba que Cristo determinou que o homem não deve cometer adultério nem homicídio nem mentir: que não faça um único juramento, não tome nem roube, que não faça aos outros o que não deseja que façam a si próprio, que perdoe quem lhe causou mal, e que ame seus inimigos, e que ore por seus acusadores e os bendiga."²³

Podemos imaginar um comportamento fraternal entre todas as criaturas viventes tal como expressam estas palavras? Podemos conceber um amor maior do que a compaixão para com nossos inimigos, com aqueles que nos causam mal, nos caluniam, nos roubam e nos atacam?

Em minha opinião, foi esse espírito fraternal que reuniu um grande grupo de homens e mulheres, há 850 anos, no Concílio de Saint Félix-de-Caraman, no Lauragais. Um espírito de lealdade e integridade – não apenas em assuntos espirituais, mas também nos mundanos, como expressa o *Ritual do Consolamentum*, conservado em Latim: “Deves amar ao Senhor, teu Deus, com todo teu coração, toda tua alma, todas as tuas forças e todo teu entendimento e a teu próximo como a ti mesmo. Também deves compreender que é preciso amar a Deus em verdade, humildade, misericórdia, pureza e com todas as tuas virtudes. [...] Bem como também deves entender que é preciso permanecer fiel e íntegro em assuntos mundanos e espirituais, pois, se não fores fiel no mundano não acreditamos que possas sê-lo no espiritual.”²⁴

Essa consciência universal da fraternidade, assim como é defendida pelo catarismo, foi, indubitavelmente, a mesma consciência alcançada pelos grandes movimentos místicos do sufismo e da cabala, na Idade Média. A clara manifestação das “Três Religiões do Livro” produziu um florescimento cultural e social em toda a Europa Ocidental. Levou a um intercâmbio de conhecimento frutífero, que guiou e iluminou todas as pessoas nos séculos seguintes.

A reintrodução dessa ideia de “convivência” e espiritualidade é, sem dúvida, o grande desafio para a nossa sociedade moderna do século 21, que requer novos valores que nos coloquem em condição de dirigir o verdadeiro desenvolvimento humano. FIM

> *Aquest Sahn baptisme, per loqual Saint Esperit es datz, a tengut la gleisa de Deu dels apostols em as, et es vengutz de bos homes em bos homes entro aici, e o fara entro la fi del segle.*⁴

> *Quar aqui na so doi o trei ajustat el meu nom, eu so aqui e meg de lor.*⁸

> *O Senhor juja e condapna los vises de la carn, no aias mercê de la carn nada de corrupcio, mais aias mercê del esperit pausat em carcer.*

> *Nos em vengut denant Deu, e denant vos, e denant l'azordament de santa gleisa, per recebre servisi, e perdo, e penedensia, de tuit li nostre pecat, li qual avem fait ni dig, ni pessats, ni obtratz del nostre nbaissement entro fin aora, e quirem misericordia a Deu et a vos, que nos preguetz per nos lo paire Sahn de misericordia que nos perdo.*¹⁰

> Vos devetz entendre que can esz denant la geisa de Deu, que vos esz denant le paire le fil et Sant esperit. Quar la gleisa es dita ajustamento, et aqui ons o li ver crestria, caqui es le paire, el fil et Sant esperit.¹⁴

> Aquesta santa oracio vos liuram, que la recepiatz de Deu, e de nos e de la gleisa, e que aiatz pozestat de dir ela totz lo temps de la vostra vida.¹⁹

> Quar esz aici denant los decipols de Jesu Christ, el qual loc abita esperitalment lo paire el fil el Sant esprit, que vos deiatz recebre aicela santa oracio, la qual donec lo senhor Jesu Christ a sos decipols... Per la qual causa devetz entendre, si aquesta santa oracio voletz recebre, quar cove vos pentir de totz les vostres pecatz e perdonar a totz homes.¹⁶

> E si aquest poder ni aquesta pezestat voletz reccebre, cove vos tenir totz los comandaments de Christ e del novel testament a vostre poder. E sapiatz que el a comandat que hom no avoutre, ni ausisa, ni menta, ni jura negu sabrament, ni pane, ni raube, ni faza az autre so que no vol que sai fait aissi, e que hom perdone que li fa mal, e que hom ame sei enemig, e que hom ore e benezisca als encausadors e als acusadors de si.²²

Nota:

1. Zerner, Monique (ed), A história do catarismo em discussão, O concílio de Saint Félix (1167), Centro de Estudos Medievais, Nice, 2001, p. 20.
2. Besse, Guillaume, Historiados duques, marqueses e condes de Narbonne também chamado Príncipe dos Godos, duques de Septimania e marquês de Gothia, em Antoine de Sommaville, Paris, 1660, p. 483-486.
3. Zerner, Monique (ed), A história do catarismo em discussão, O Concílio de Saint Félix (1167), Centro de Estudos Medievais, Nice, 2001, p. 19.
4. Leon Cledat, Bíblia de Lyon, p. XVII.
5. René Nelli, Escritos cátaros, Mônaco, Éditions du Rocher, 1995, p. 232.
6. Gérard, Cartulário da abadia de Saint-Père de Chartres, Paris, 1840. Duvernoy, A história dos cátaros, Toulouse, Privat, 1979, p. 88.
7. Bernard Gui, Manual do inquisidor, tome I, Paris, Librairie Ancienne Honoré Champions , 1926, p. 14-15
8. Leon Cledat, Bíblia de Lyon, p. XVIII.
9. René Nelli, Escrituras cátaras, Mônaco, Éditions du Rocher, 1995, p. 232.
10. Leon Cledat, Bíblia de Lyon, p. IX.
11. René Nelli, Escrituras cátaras, Mônaco, Éditions du Rocher, 1995, p. 225.
12. René Nelli, Escrituras cátaras, Mônaco, Éditions du Rocher, 1995, p. 227.

13. Eduard Berga, *O catarismo na tradição espiritual do Ocidente*, Fundação Rosacruz, Zaragoza, 2012.
14. L. Clédat, *O Novo Testamento traduzido no século 12 em língua provençal, seguido de um ritual cátaro*, p. XII.
15. L. Clédat, *O Novo Testamento traduzido no século 12 em língua provençal, seguido de um ritual cátaro*, Slaktine Reprints, Genebra, 1968, p. XII.
16. L. Clédat, *O Novo Testamento traduzido no século 12 em língua provençal, seguido de um ritual cátaro*, p. XIV.
17. L. Clédat, *O Novo Testamento traduzido no século 12 em língua provençal, seguido de um ritual cátaro*, Slaktine Reprints, Genève, 1968, p. XIV.
18. René Nelli, *Escrituras cátaras*, Mônaco, Éditions du Rocher, 1995, p. 310.
19. L. Clédat, *O Novo Testamento traduzido no século 12 em língua provençal, seguido de um ritual cátaro*, p. XV.
20. L. Clédat, *O Novo Testamento traduzido no século 12 em língua provençal, seguido de um ritual cátaro*, Slaktine Reprints, Genève, 1968, p. XV.
21. Duvernoy, *A religião dos cátaros*, Toulouse, Privat, 1976, p. 98.
22. Duvernoy, *A religião dos cátaros*, Toulouse, Privat, 1976, p. 98.
23. L. Clédat, *O Novo Testamento traduzido no século 12 em língua provençal, seguido de um ritual cátaro*, p. XVIII.
24. René Nelli, *Escrituras cátaras*, Mônaco, Éditions du Rocher, 1995, p. 233.
25. René Nelli, *Escrituras cátaras*, Mônaco, Éditions du Rocher, 1995, p. 255-256.